

Prof. Dr. Luís Afonso Heck

Semestre de verão 2016

Para uso em aula – UFRGS – Faculdade de Direito

CONHECIMENTO

O significado do conceito pode averiguar-se pela análise do conceito »conhecer«. »Conhecer« é, em regra, concebido como aquisição de saber. Sempre quando nós dispomos de um saber, temos nós também um conhecimento de conteúdo igual. Por conseguinte, o conceito de conhecimento é aclarado por uma análise do conceito de saber. Para que se possa falar disto, que uma pessoa A sabe algo, têm de as seguintes condições estar cumpridas:

(1) Quando A diz, ela sabe, que seu nome é Müller, então não pode ser o caso, que ela realmente sabe isso e que ela chama-se Meier. Quando uma convicção é um saber, tem de a convicção ser verdadeira, do contrário, ela não seria nenhum saber, mas uma equivocação. (2) Quando A manifesta uma opinião p que, sem dúvida, é verdadeira, da qual A mesma, porém, não acredita que ela é verdadeira, não se pode falar de saber. A manifesta, sem dúvida, uma proposição verdadeira, mas que A mesma sabe p, irá negar-se à A. A tem de achar que p, isto é, é saber segundo (1) e (2), uma opinião verdadeira. (3) A poderia, todavia, somente ocasionalmente ter adivinhado que p é verdadeiro. Neste caso, não se iria à A, outra vez, atribuir nenhum conhecimento de p. Tem de, adicionalmente, também ainda existir fundamentos para achar que p é saber, por conseguinte, uma opinião fundamentada verdadeira (assim, também Platon im *Theaitetos*). (4) Que existam tais fundamentos, porém, sempre ainda não basta para falar de saber. Poderia ser que p está fundamentado, mas A de modo algum conhece os fundamentos relevantes. Neste caso não se irá à A sempre ainda atribuir nenhum saber de p. A tem de mesma ter os fundamentos para p, portanto, conhecer (esse ponto é, por exemplo, impugnado pelo »externalismo epistêmico«). (5) E. Gettier chamou a atenção sobre isto, que, além disso, tem de ser suposto que A não somente tem de ter alguns fundamentos, mas os corretos para p, para saber p. Fundamentos corretos são, nisso, aqueles dos quais p deixa objetivamente derivar-se logicamente. Outras especificações semânticas são possíveis, contudo, deve ser conservado que nós conhecemos,

que p, quando a nós pode ser atribuído um saber de p em virtude de determinações do tipo mencionado. A semântica mencionada de conhecimento contém, pelo menos, dois problemas: (a) mesmo no uso do idioma filosófico existe o modo de falar de conhecimento falso, e assim por diante, que se converte em »contradictio in adjecto« [contradição no adjetivo], quando nós usamos (muito rigorosamente) o conceito de conhecimento esboçado; (b) as condições (1) – (5) podem conduzir em um regresso. Fundamentos para opiniões são mesmos somente fundamentados, quando eles podem ser derivados de outros fundamentos, e assim por diante. Caso uma opinião somente então deve ser um conhecimento, quando os fundamentos fundamentadores mesmos são fundados, termina-se em um regresso. Isso mostra que as reflexões supraditas somente dão uma entrada problematizadora no debate semântico.

Tradicionalmente, conhecimento é, muitas vezes, entendido como uma »reflexão« adequada do mundo do objeto no sujeito. Isso chama a atenção sobre isto, que conhecer é orientado por objetos de conhecimento, isto é, ele tem carácter intencional. Pelos objetos (que não necessariamente têm de ser interpretados realisticamente) o sujeito ganha determinados dados. O conhecer deixa frequentemente se descrever como a elaboração de uma ordem correta desses dados, ou seja, informações. Essa ordem correta é possibilitada por duas faculdades de conhecimento elementares. Primeiro, existe a possibilidade de distinguir sensualmente dados um do outro, pode ter lugar uma discriminação sensorial. Essa permite, por exemplo, identificar formas. No processo de discriminação (às vezes, inconsciente) um dado é separado do continuum de dados, no qual ele manifesta-se, e em novas conexões (por exemplo, esquema aprendido de formas) classificado. Segundo, podem os dados sensuais, ordenados desse modo, ser classificados, isto é, posto sob conceitos gerais. Dados particulares são, nisso, integrados em uma classe e conhecidos como pertencentes a uma propriedade que constitui a classe. O dado particular é (no caso ideal) classificado em um todo coerente, em que esse processo é possibilitado pelo fato de se reconhecer a propriedade constitutiva do conceito, já conhecida, no dado singular. Sob esse aspecto, conhecimento é, nesse plano, sempre já um reconhecer. Conhecimento deve ser caracterizado como um separar e um sintetizar que resulta a seguir, como um destruir de uma ordem

natural e como estabelecer simultâneo de uma, por exemplo, semântica. Casos particulares são: (1) Quando se obtém conhecimento, por exemplo, pelo sistema bancário, não tem lugar o componente sensual e o conhecer converte-se somente em elaborar de uma ordem semântico-lógica. (2) Muitos animais, ao contrário, não dispõem sobre conceitos, isto é, eles elaboram simplesmente uma ordem de percepções. Se aqui ainda pode ser falado de conhecimento, é debatido. (3) Existe também um conhecimento de estados internos ao sujeito. - As duas faculdades de conhecimento denominadas chamam a atenção sobre duas fontes possíveis de conhecimento. Parte-se disto, que todo conhecimento é derivável de experiência sensorial, sustenta-se um empirismo ou sensualismo. Supõe-se, ao contrário, todo conhecimento procede do intelecto, isto é, de conceitos e dos juízos formados deles, então se sustenta um racionalismo. Kant tentou unir ambos os inícios: em sua »forma pura« eles mal ainda são sustentados. A filosofia deixa descrever-se como um processo de aumento de conhecimento constante. Sua tarefa é distinguir conhecimentos de equivocações. Essa tarefa é possibilitada, em primeiro lugar, pela teoria do conhecimento. Essa disciplina esforça-se por isto, por uma problematização das fundamentações de declarações, pôr à disposição meios para separar declarações verdadeiras de falsas. Todavia, sua tarefa consiste também nisto, aclarar a origem do conhecimento. Somente assim podemos nós também entender nossos conhecimentos e sua validade e não temos de considerar eles como acaso.

Fonte: Precht, Peter, Burkard, Franz-Peter. Metzler Philosophie Lexikon. 2. Aufl. Stuttgart-Weimar: J. B. Metzler, 1999.

Obs.: pontuação no original, o sublinhado, não. O latim foi mantido e sua tradução encontra-se em colchetes.